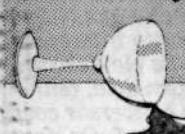


Viagens causam discórdia no governo

Ministros brigam pelo tamanho das comitivas de convidados especiais nas viagens de Sarney

HÉLIO DOYLE

FIM DE GOVERNO



BRASÍLIA — Pelo menos para dois ministros muito próximos do presidente José Sarney não é da imprensa, mas do próprio governo, a responsabilidade pela sucessão de reportagens, artigos e editoriais nos jornais e revistas criticando o excesso de gastos nas viagens do presidente. Embora não falem abertamente do assunto, os chefes do Gabinete Civil da Presidência, Ronaldo Costa Couto, e do SNI, general Ivan de Souza Mendes, culpam e criticam os que insistem em levar grandes comitivas nas viagens de Sarney.

Segundo funcionários do Planalto, Costa Couto e o general Ivan têm brigado, sem sucesso, para que as comitivas sejam menores, o número de convidados reduzido — ou nem haja convidados — e que só viaje quem realmente tenha de trabalhar. Mas os dois ministros encontram resistência no próprio presidente e em sua família e no chefe do Gabinete Militar, general Rubem Bayma Denys.

Os convidados, contam esses funcionários, são escolhidos pessoalmente por Sarney e sua mulher, Marly. São pessoas que nada, absolutamente nada, têm a fazer nas viagens. Alguns, como o escritor Jorge Amado, pelo menos dão pretígio à comitiva. Sua filha Paloma, porém, só representa gastos. Na recente viagem a Angola, Sarney levou como convidado o médico Luiz Felipe Moreira Lima, filho do ministro da Aeronáutica, apenas porque ele morou em Luanda durante um ano.

“É provincialismo puro”,

Candidato confirma viagem

O candidato do PSDB à Presidência da República, senador Mário Covas, um dos muitos nomes que constam do documento oficial do governo que relaciona as pessoas que receberam diárias em viagens oficiais ao Exterior, confirmou ontem ter recebido passagens e ajuda de custo, cujo valor não se recorda, para uma viagem a Nova York no final do ano passado como observador parlamentar brasi-

comenta um auxiliar do presidente. “No fundo, eles acham que é natural levar parentes e amigos quando viajam. Há um toque de paternalismo, de premiar os fiéis”, acrescenta.

NINGUÉM QUESTIONA

Do lado do Gabinete Militar, o problema é outro. Compete ao órgão coordenar a logística das viagens, os aspectos administrativos e a segurança do presidente. Ninguém no Planalto questiona os critérios utilizados pelo general Bayma Denys, que determina quantos vão e quem são. Há uma disputa entre militares e funcionários civis do Planalto para viajar, não só pela oportunidade de fazer turismo de graça como pela perspectiva de ganhar diárias em dólar.

Se ninguém se considera em condições de contestar os critérios do Gabinete Militar, principalmente em relação ao número de agentes de segurança que acompanham Sarney, não se contesta também o Cerimonial, chefiado pelo ministro Júlio César Gomes dos Santos, do Itamaraty, que, de acordo com assessores do Planalto, fica sempre ao lado de Bayma Denys em defesa das grandes comitivas.

O secretário particular de Sarney, Augusto Marzagão, recusa-se a falar do assunto porque assumiu recentemente o cargo. “Meu trabalho é pinçar as críticas e depois conversar com o presidente”, explica Marzagão que condena o “clima psicológico” criado no País de responsabilizar Sarney “por tudo que acontece”.

Marzagão admite que se o Planalto tivesse divulgado a lista de passageiros que foram a Paris, as informações dos jornais estariam menos sujeitas a erros. “Quando se conversa com verdade e coerência, os mal-entendidos acabam todos”, acredita. Em sua opinião, o presidente “tem sido vítima da falta de diálogo de muitos de seus comunicadores sociais com a imprensa”.

leiro junto à XLII Assembléia Geral das Nações Unidas.

Na lista oficial, Covas é citado como deputado e que teria recebido diárias de US\$ 5.312, no total. Ontem, Covas esclareceu que nunca viajou em companhia de Sarney e que esteve em Nova York, entre 15 de novembro e 15 de dezembro do ano passado, designado pelo presidente do Senado, Humberto Lucena.



Sarney, Bayma Denys e Costa Couto, numa solenidade ontem no Planalto: divergências sobre listas e números

Protásio Nêne/AE